

## **Bragança+: projeto de implementação de acessibilidade audiovisual para pessoas cegas ou com baixa visão no centro de arte contemporânea graça morais**

**Ingrid Freitas** – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal. [ingridfreitas94@hotmail.com](mailto:ingridfreitas94@hotmail.com)

**Cláudia Marting** - Instituto Politécnico de Bragança, Portugal. [ingridfreitas94@hotmail.com](mailto:ingridfreitas94@hotmail.com)

### **Resumo:**

Em uma sociedade majoritariamente normovisual, as pessoas cegas ou com baixa visão deparam-se diariamente com desafios de natureza diversa, fruto de uma sociedade que não dá resposta à diversidade, tal como exigido pelo modelo biopsicossocial. A realidade é que vivemos em um mundo em que somente as necessidades das pessoas normovisuais, e outras que se enquadram dentro dos padrões da normalidade, são vistas como prioridade, excluindo as questões que envolvem as pessoas com deficiência. Como resultado, estes indivíduos acabam por não ter acesso aos direitos básicos, como educação, cultura e lazer. Em Portugal, país onde muito se discute sobre o tema, poucos são os museus que oferecem recursos de acessibilidade para o público sem deficiência. A proposta deste projeto, ainda em preparo, é implementar um projeto de acessibilidade audiovisual no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais em Bragança direcionado para pessoas com deficiência visual, através de recursos de baixo custo.

**Palavras-chave:** Tradução Audiovisual; Acessibilidade Audiovisual; Deficiência visual; Audiodescrição Museológica.

### **Abstract:**

In a society that is primarily for viewers, the blind and visually-impaired are faced with multiple barriers on a daily basis, stemming from a society unable to heed diversity, in accordance with what is requested by the biopsicosocial model. The world we live in favours the needs of sighted people, as well as others within the patterns of normality, excluding those issues related to people with disability. As a result, these people end up not accessing basic rights, such as education, culture and leisure. In Portugal, a country where the topic is much discussed, few are the museums that offer accessibility resources to their visitors with impairments. This on-going project aims at implementing a project of audiovisual accessibility at the "Centro de Arte Contemporânea Graça Morais" (Centre of Contemporary Art Graça Morais), in Bragança, for people with visual impairment, by means of low-cost resources.

**Keywords:** Audiovisual Translation; Audiovisual Accessibility; Visual Impairment; Museum Audiodescription.

## **Introdução**

O presente artigo pretende refletir sobre o processo de implementação de um projeto de acessibilidade audiovisual para as pessoas cegas ou com baixa visão no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM), em Bragança, partindo da perspectiva da Tradução Audiovisual e considerando os possíveis obstáculos a serem encontrados no decorrer da realização deste trabalho. Este projeto nos proporcionará uma reflexão profunda acerca de questões, como a demanda deste público nos museus em Bragança, em especial no CACGM, e os recursos necessários para executar a proposta – tanto ao nível econômico, quanto material.

O projeto tem como objetivo promover a acessibilidade audiovisual através de recursos de baixo custo, como o *QR code*, que permitem às pessoas cegas ou com baixa visão terem acesso à audiodescrição (AD) das obras do acervo do CACGM. Um dos resultados esperados desse projeto é possibilitar e fomentar a participação mais ativa e autônoma desse público.

O trabalho está dividido em três partes: no primeiro capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos referentes à AD museológica, abordadas em um primeiro momento de modo geral, para que depois seja especificada no contexto português e no cenário transmontano, nomeadamente, no município de Bragança.

De igual forma, o segundo também está subdividido: a primeira parte traz uma breve apresentação sobre o CACGM e a segunda aborda as diferentes etapas do processo de implantação do projeto de acessibilidade, enumerando as metodologias e o recurso a ser utilizado.

Por um fim, uma conclusão breve será apresentada, identificando as possíveis dificuldades a encontrar durante o processo de desenvolvimento do projeto e as expectativas acerca dos resultados desta iniciativa.

## **Capítulo 1: A audiodescrição no contexto museológico: uma breve perspectiva**

A acessibilidade é frequentemente identificada com o acesso físico de pessoas com mobilidade reduzida, uma perspectiva altamente limitada da realidade. Neste sentido, autores como Dodd e

Sandell (1998) e Sasaki (2005) alertam-nos para outras dimensões que importa ter em consideração aquando da implementação de qualquer projeto de acessibilidade, em particular no contexto museológico. Os primeiros autores referem, para além da acessibilidade física, a informativa, cultural, financeira, emocional, intelectual, sensorial, assim como o acesso ao processo decisório. Relativamente a Sasaki (2005), este restringe-se à acessibilidade arquitetónica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal, podendo estabelecer-se paralelos entre estas duas classificações.

No contexto do acesso sensorial, é fundamental mencionar a audiodescrição, sempre a ser encarado como uma ferramenta de acessibilidade a par de outras. A AD é uma técnica que diversos autores (e.g. Yves Gambier 2003; Ramos Pinto 2012) inserem no âmbito da Tradução Audiosvisual que consiste numa descrição verbal que caracteriza as ações, circunstância, cenário, personagens e afins e que pode ser encontrada em programas de televisão, teatro e cinema, a fim de que torne um ambiente acessível para as pessoas cegas ou com baixa visão, no entendimento de Benecke (2004).

Este conceito de transformar o visual em verbal também pode inserir-se no domínio museológico. Através de audioguias ou de guias humanos é possível realizar a AD das obras, por isso, é importante que, durante o processo de escolha das palavras, o audiodescritor seja autocrítico e reflita se o discurso é capaz de fazer com que o indivíduo crie na sua cabeça, através da imaginação, uma imagem próxima daquilo que está sendo descrito.

De certa forma, a AD desempenha um papel fundamental preenchendo esse “vazio” causado pela falta da visão, tornando-se um recurso indispensável para a inclusão das pessoas com deficiência no contexto cultural, nomeadamente em espaços culturais. Neves (2011) descreve que “a audiodescrição faz-se particularmente presente em contextos em que pessoas normovisuais convivem de forma estreita com pessoas cegas ou com baixa visão” (p. 69).

Por outro lado, Motta e Romeu (2010) referem a AD como um “recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras (...) eventos turísticos, esporti-

vos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos...” (p. 11), e entendem a AD como um “recurso de tradução audiovisual, que trabalha com uma relação intersemiótica – transformando imagem em palavras – e se concretiza através da técnica de narração realizada por um audiodescritor-narrador” (p. 94). Como tal, a AD funciona como uma forma de mediação linguística, uma vez que no contexto da inclusão social e acessibilidade, a AD passa a ter um papel fundamental, estabelecendo um intermédio entre o contexto verbal e o visual.

Assim, Neves (2011) considera a AD como “a arte de traduzir, através de uma narrativa descritiva ou outras técnicas verbais, mensagens visuais não perceptíveis apenas através dos sinais acústicos presentes em textos (áudio)visuais (...) a arte de descrever imagens, objectos, realidades com valor comunicativo essencialmente visualista” (p. 13).

A AD pode abranger as imagens estáticas, como as obras bi-e tri-dimensionais, típicas de locais como os museus e as galerias, ou as dinâmicas, no caso das artes performativas, do cinema ou da televisão. De acordo com Neves (2011), subcategorias da AD abrangem: a AD substitutiva, através da qual as pessoas podem “ver” a peça; a AD de exploração, que acompanha a manipulação da peça; e a AD de orientação, que vai guiar os visitantes pelo espaço físico.

A par destes aspetos, há que ainda ter em consideração fatores como a instituição em causa, a sua missão e filosofia, o acervo, assim como a relação que estabelece com o meio envolvente. Um outro aspeto desta tríade recai sobre o audiodescritor. Para Neves (2011), o audiodescritor deve ter algumas competências que inserem-se no âmbito técnico-científico, tal como o conhecimento básico acerca da cegueira e das doenças causadoras dessa deficiência, a inserção no domínio das técnicas de comunicação inerente ao meio em que a atividade será desenvolvida, competência linguística, ou seja, dominar a língua de trabalho. Snyder (2008), audiodescritor dos EUA com uma vasta experiência em AD, complementa esta perspectiva referindo-se às competências dos audiodescritores: a observação, a edição, a linguagem e a capacidade vocal. O audiodescritor deve se tornar um observador ativo, aumentando a sua capacidade de exergar além do óbvio, bem como ter um senso crítico de edição, filtrando e selecionando apenas o essencial.

A escolha da linguagem é fundamental para referir as informações, de modo que as imagens se transformem em palavras.

Atualmente, a presença de audioguias, sistema que permite a que o indivíduo tenha uma experiência de visita guiada através de recursos eletrônicos, como um instrumento de auxílio e interatividade, se faz presente, de maneira tímida, em parte dos museus que promovem a acessibilidade nem sempre orientados para os públicos com deficiência. Um dos pontos positivos desta ferramenta é que os aparelhos que reproduzem o conteúdo audiodescritivo têm uma capacidade maior de armazenar informações, o que pode não ocorrer quando a AD é feita por um profissional. O mesmo acontece com guias impressos: não seria possível transmitir o mesmo volume de informação em um texto conciso, que é o padrão dos materiais impressos.

Esta ferramenta de apoio, que surgiu em Amsterdã no início dos anos 50, permite que o visitante, através de uma perspectiva descritiva, estabeleça uma ligação com a obra. Deshayes (2002), responsável por estudos sociológicos centrados nos museus franceses, considera os audioguias como uma forma de democratizar o acesso à cultura, estimular a formação do olhar e a educação informal, assim como a vulgarização do conhecimento, que serve todos os públicos. Este recurso pode ser encontrado através de sistemas eletrônicos que reproduzem arquivos de áudio ou por profissionais capacitados para realizar este tipo de trabalho descritivo “ao vivo”. Com o surgimento dos audioguias, disponível em diferentes idiomas, estima-se que os problemas linguísticos e de acessibilidade para pessoas com deficiência visual tenham se tornado cada vez mais incomum.

### ***Acessibilidade museológica no contexto português***

A utilização de recursos de acessibilidade audiovisual, como audioguias, ainda não é uma prática popular em Portugal. No contexto do estudo desenvolvido por Martins (2015), em 2013, o Instituto Nacional de Estatística (INE) considerou 353 museus no território nacional, que obedeceram cumulativamente a cinco critérios. Em contrapartida, o Observatório das Atividades Culturais (OAC) identificou 1123 museus em 2010. Neste contexto de acentuada discrepância entre os

dados do INE e do OAC, 54 museus, locais históricos, religiosos e ambientais e aquários em Portugal ofereciam audioguias, uma percentagem claramente residual.

Desta forma, verifica-se pouca divulgação sobre o assunto, fazendo com que a população não tenha conhecimento sobre essa ferramenta. Casos caricatos, como os que Martins (2015) descreve, referem que os próprios funcionários da Recepção dos museus podem não ter conhecimento da existência do equipamento ou estranhar a sua utilização por parte de visitantes nacionais.

Numa elevada percentagem de museus, as informações sobre este e outros recursos de acessibilidade são escassas, não sendo muito promovidas ações quando se trata deste assunto. Em muitos casos, pouco se fala sobre os recursos disponíveis. No entanto, a situação parece estar a alterar-se com a crescente utilização das páginas oficiais dos museus, e outras em redes sociais, verificando se frequentemente algum esforço de publicitação destas instituições. Poucos são os museus em Portugal que utilizam o audioguia com o conteúdo audiodescrito para pessoas com deficiência visual, sendo de referir os casos paradigmáticos do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha e o Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa.

A acessibilidade física continua a ser a mais visada pelos museus portugueses que continuam apresentando apenas recursos direcionados para pessoas com mobilidade reduzida, como banheiros adaptados, rampas e elevadores, associando a acessibilidade ao mero acesso físico.

### ***Acessibilidade Museológica no contexto Bragantino***

Com um pouco mais de 35 mil habitantes, o município de Bragança, localizado na região de Trás-os-Montes, no nordeste de Portugal, conta com nove espaços culturais dedicados a exposições e mostras temporárias ou permanentes, de acordo com o *site* da Câmara Municipal de Bragança (CMB), a saber: Museu Militar de Bragança, Museu Ibérico da Máscara e do Traje, Museu do Abade de Baçal (MAB), Centro de Fotografia George Dussaud, Centro Ciência Viva, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Centro de Memória Forte S. João de Deus, Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano e o Memorial e Centro de Docu-

mentação Bragança Sefardita. Destes somente o Museu Militar, o MAB e o Centro Ciência Viva não estão dependentes da CMB.

Embora haja um número considerável de instituições museológicas frente ao número de habitantes e à extensão do município, nenhum deles dispõe acessibilidade audiovisual, com a exceção do audioguia do MAB, complementadas pelas visitas guiadas cujos alvos são habitualmente os visitantes estrangeiros. Em alguns, é possível encontrar alguns recursos de acessibilidade física para pessoas com mobilidade reduzida ou com alguma deficiência, como por exemplo rampas, elevador e banheiro adaptado.

## **Capítulo 2: Bragança+: uma iniciativa para promover a acessibilidade audiovisual no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais**

O desenvolvimento do projeto configura-se em duas fases, a primeira constitui-se das análises comparativas entre museus que ofereçam acessibilidade, onde é pretendido viajar para conhecer e descrever o estado da arte dentro e fora do território português, nomeadamente nos museus emblemáticos de Londres, Paris e Alemanha.

A partir dos parâmetros contidos em um *checklist* (cf. Colwell & Mendes 2004), serão verificados e avaliados requisitos básicos, como por exemplo a existência de rampas e elevadores, banheiros adaptados, portas, saídas de emergência, iluminação do ambiente, bebedouros e espaços externos, o que inclui cafeterias e lojas.

A segunda fase constitui-se da efetivação do projeto na prática, ou seja, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, localizado no município de Bragança, em Portugal. Inicia-se com um projeto piloto a ser testado com dois visitantes cegos, frequentadores habituais do CACGM. Este teste basear-se-á no desenho a carvão de Graça Morais, integrado na exposição Humanidade (sob o signo da Metamorfose), no âmbito dos 10 anos do centro, e em exposição até fevereiro de 2019.

Aquando da conclusão deste trabalho descritivo, será organizado um conjunto de sessões para pessoas cegas e com baixa visão para a realização dos últimos testes, após os quais os textos serão gravados e disponibilizados online através do código QR.

### ***Sobre o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais: um convite à acessibilidade audiovisual***

De acordo com o Roteiro dos Museus da CMB, o CACGM foi inaugurado em 2008 e situa-se no Solar dos Vargas, no coração do centro histórico de Bragança. Com uma vista privilegiada para a praça da Sé, o museu conta com sete salas dedicadas às obras da pintora transmontana Graça Morais. Para além do acervo renovado frequentemente das pinturas da artista portuguesa, o CACGM também recebe durante todo o ano exposições temporárias de artistas nacionais e internacionais, resultado da colaboração com a Fundação Serralves. De acordo com a programação disponível no *site* da instituição, além das atividades educativas, também são promovidas oficinas de prática artística, concertos, performances, ciclo de palestras e conferências.

No que se refere à acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, todos os espaços, como cafeteira, loja, jardim, sala de exposição, do CACGM possuem rampas e elevador, além de banheiros adaptados. Atualmente, o CACGM não dispõe de recursos de audioguias ou AD das peças do que contemplam o seu acervo.

### ***QR code: recurso de baixo custo e grande valor***

Com o constante avanço e facilidade de uso das tecnologias, nos dias de hoje, qualquer pessoa tem acesso a um *smartphone* e *internet*, o que simplifica o processo de implementação de acessibilidade nos museus. Desta forma, o direito ao acesso à cultura torna-se mais facilitado, tendo em vista o baixo custo para colocar executar esta prática.

A proposta do projeto é que, com baixo ou nenhum custo, seja possível implementar acessibilidade audiovisual no CACGM, através da AD das obras que compõe parte do seu acervo.



Com nenhum custo e grande alcance, devido à facilidade de instalação e acesso, o *QR code* foi recurso escolhido para realizar a implementação da acessibilidade audiovisual no CACGM, que consiste num gráfico bidimensional, formando código de barras que tem a capacidade de ser interpretado rapidamente por aparelhos eletrônicos, em especial, celulares.

Atualmente, existem diversos aplicativos gratuitos disponíveis para *download* na *internet*, específicos para a leitura do *QR code*, sendo a maioria dos programas compatíveis com grande parte dos smartphones disponíveis no mercado.

Como é uma ferramenta de fácil acesso, necessita apenas que o utilizador disponha de um celular com memória disponível e *internet* para fazer o *download* do aplicativo. Neste código, encontram-se informações pré-estabelecidas como textos, páginas da *internet* ou ficheiros *on-line*. A leitura do código é feita através da câmara do celular e a digitalização redireciona o usuário para uma para uma página *on-line* com ficheiros de áudios com a AD das obras.

## **Conclusão**

Muito se fala em acessibilidade física como se essa fosse a única dimensão relevante quando se trata de questões inclusivas. É importante que a sociedade abandone uma visão limitada sobre esse assunto e passe a compreender as diferentes dimensões que cercam os preceitos da acessibilidade e inclusão.

Embora o projeto esteja em processo de elaboração da fase teórica e metodológica, não havendo resultados práticos, os conceitos que envolvem a realização deste trabalho proporcionaram reflexões acerca da importância da acessibilidade, nomeadamente a AD museológica, como uma maneira de intensificar os pressupostos que rodeiam a inclusão social.

A AD no contexto museológico, para além de um recurso de inclusão, traz para o indivíduo uma maior autonomia e tem como resultado uma crescente procura deste público.

## Referências bibliográficas

- Benecke, Bernd. (2004). Audiodescription. In Yves Gambier (Ed.). *Meta – Traduction Audiovisuelle*, 49: 1, 78-80. Les Presses de l'Université de Montréal. Consultado em <http://www.erudit.org/revue/meta/2004/v49/n1/009022ar.html>
- Câmara Municipal de Bragança. Roteiro dos museus. Consultado em [https://www.cm-braganca.pt/uploads/writer\\_file/document/4528/Roteiro\\_dos\\_museus\\_2017\\_PT.pdf](https://www.cm-braganca.pt/uploads/writer_file/document/4528/Roteiro_dos_museus_2017_PT.pdf)
- Colwell, Peter & Mendes, Elisabete. (2004). *Temas de Museologia: Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Deshayes, Sophie. (2002a). Audioguides et musées. *La Lettre de l'OCIM*, 79, 24-31. Consultado em <http://doc.ocim.fr/LO/LO079/LO.79%285%29-pp.24-31.pdf>
- Dodd, Jocelyn & Sandell, Richard. (1998). *Building Bridges: Guidance for museums and galleries to develop new audiences*. Londres: Museums and Galleries Commission.
- Gambier, Yves. (2003). Introduction. Screen Transadaptation: Perception and Reception. In Yves Gambier (Ed.). *The Translator – Studies in Intercultural Communication (Special Issue – Screen Translation)*, 9: 2, 171-189. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Neves, Josélia. (2011). *Imagens que se Ouvem. Guia de Audiodescrição*. Lisboa & Leiria: Instituto Nacional de Reabilitação e Instituto Politécnico de Leiria. Consultado em [https://www.researchgate.net/publication/322975503\\_Neves\\_Joselia\\_2011\\_Imagens\\_que\\_se\\_Ouvem\\_Guia\\_de\\_Audiodescricao\\_Lisboa\\_Leiria\\_Instituto\\_Nacional\\_de\\_Reabilitacao\\_e\\_Instituto\\_Politecnico\\_de\\_Leiria\\_ISBN\\_978-989-8051-20-2](https://www.researchgate.net/publication/322975503_Neves_Joselia_2011_Imagens_que_se_Ouvem_Guia_de_Audiodescricao_Lisboa_Leiria_Instituto_Nacional_de_Reabilitacao_e_Instituto_Politecnico_de_Leiria_ISBN_978-989-8051-20-2)
- Martins, Cláudia Susana Nunes. (2015). *Longe da vista, perto da imaginação – análise de audioguias em museus portugueses*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Consultado em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/15226/1/Longe%20da%20vista,%20perto%20da%20imagina%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Motta, Livia Maria Villela de Mello, Romeu Filho, Paulo. (Org.). (2010). *Transformando Imagens em Palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo. Consultado em [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/audio\\_desc.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/audio_desc.pdf)
- Ramos Pinto, Sara. (2012). Audiovisual Translation in Portugal: The Story so Far. In Anthony Pym & Alexandra Assis Rosa (Eds.). *Revista Anglo Saxónica*, III: 3 (pp. 337-363). Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa.
- Sassaki, Kazumi Romeu. (2005). *Inclusão: o paradigma do século 21*. *Inclusão – Revista de Educação Especial*, 19-23. Consultado em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>
- Snyder, Joel. (2008). Audio Description. *The Visual Made Verbal*. In Jorge Diaz-Cintas (Ed.). *The Didactics of Audiovisual Translation* (pp. 191-198). Amesterdão & Filadélfia: John Benjamins Publishing.